O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano VII | Volume 22 | Nº 66 | Boa Vista | 2025

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

https://doi.org/10.5281/zenodo.15751278

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca

EDUCAÇÃO DE MENINAS POBRES E NEGRAS EM SÃO BERNARDO DAS RUSSAS-CE: HISTÓRIA E MEMÓRIA DA ESCOLA SAGRADO CORAÇÃO (1938-1969)

Carlos Rochester Ferreira de Lima[1]

Luís Távora Furtado Ribeiro[2]

Gardenia Maria de Oliveira Barbosa[3]

Yuri Pereira de Abreu[4]

José Diego Bezerra Arraes[5]

Resumo

Este estudo tem como objetivo investigar, numa perspectiva interseccional, a trajetória histórica mediada pela memória de alunas pobres e negras que estudaram na Escola Sagrado Coração/ Escola Grátis. Metodologicamente, realizou-se um estudo com base em documentos institucionais, fontes hemerográficas e relatos orais das ex-alunas e religiosas. A metodologia desenvolve-se a partir da abordagem do método qualitativo, de caráter exploratório e análise de conteúdo; em relação aos procedimentos de investigação configura-se como bibliográfico e documental, devido as especificidades das fontes e das abordagens teórico-conceituais. Também utilizamos a técnica de pesquisa de campo em forma de entrevistas semiestruturadas. Conclui-se que a Escola Sagrado Coração fora criada a partir da inexistência de políticas públicas educacionais, atendia às meninas pobres e negras das áreas periféricas da cidade, estas foram impactadas pelas diferenciações sociais e educacionais– uma espécie de uma segregação territorial como ficou flagrante nas fontes - questões relacionadas aos atravessamentos de classe social, gênero e raça. Porém, apesar de todas as contradições, para algumas estudantes, a Escola configurou-se em um espaço de possibilidades de ascensão social e de gênero.

Palavras-chave: Educação de Meninas Pobres e Negras; Interseccionalidade; História e Memória da Educação.

Abstract

This article aims to investigate, from an intersectional perspective, the historical trajectory mediated by the memory of poor and black students who studied at the Sagrado Coração School/Free School. Methodologically, a study was carried out based on institutional documents, newspaper sources and oral reports from former students and nuns. The methodology is developed from the approach of the qualitative method, of an exploratory nature and content analysis; in relation to the research procedures, it is configured as bibliographic and documentary, due to the specificities of the sources and the theoretical-conceptual approaches. We also used the field research technique in the form of semi-structured interviews. It is concluded that the School Sacred Heart was created due to the lack of public education policies, serving poor, black girls from the city's outskirts. These girls were impacted by social and educational differences – a kind of territorial segregation, as evidenced in the sources – issues related to the intersections of social class, gender and race. However, despite all the contradictions, the school was configured as a space of possibilities for social and gender advancement.

Keywords: Education of Poor and Black Girls; Intersectionality; History and Memory of Education.

[1] Professor da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Doutor em Educação. E-mail: rochester.lima@uece.br

[2] Professor da Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutor em Sociologia. E-mail: luistavora@uol.com.br

[3] Professora da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Doutora em Educação. E-mail: gardênia.oliveira@uece.br

[4] Professor da Secretaria da Educação do Estado do Ceará (SEDUC/CE). Doutor em Educação. E-mail: yurideabreu@alu.ufc.br

[5] Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: diegobarraes@gmail.com

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa “Educação de meninas pobres e negras em em São Bernardo das Russas-CE: História e Memória da Escola Sagrado Coração (1937-1969)”, tem como objetivo principal investigar e compreender, numa perspectiva interseccional, a trajetória histórica mediada pela memória de alunas pobres e negras que estudaram na referida instituição. Esta escola foi fundada pelas religiosas da Congregação Filhas do Coração Imaculado de Maria, hoje denominam-se Cordimarianas, que vieram para a cidade de Russas no ano de 1937 e fundaram o Patronato Coração Imaculado de Maria, com o propósito de desenvolver um projeto educacional voltado sobretudo para a educação feminina e o ensino religioso para a “elite local”, e, concomitantemente, uma escola-anexo voltada para as meninas carentes, sendo inaugurada no ano de 1938, a Escola Sagrado Coração, que também ficou conhecida pejorativamente como Escola Grátis, Escola Gratuita e/ou Escola dos Pobres. Vale lembrar que o topônimo "Russas” só foi adotado oficialmente a partir de 20 de novembro de1938, antes era chamado de São Bernardo das Russas, por isso a justificativa do uso no título desta pesquisa.

Diante disso, o presente estudo parte da seguinte questão: Como se dava a educação escolar das meninas pobres e negras de São Bernardo das Russas-CE (1937-1953), no que diz respeito às representações e atravessamentos de classe, racial e de gênero?

Uma das principais justificativas para o desenvolvimento da presente proposta de trabalho diz respeito à carência na historiografia cearense e do Vale jaguaribana-CE de pesquisas voltadas para a análise dos significados, memórias, leituras e representações da História da Educação a partir de instituições escolares de cunho confessional, e sobretudo em relação à Escola Sagrado Coração.

A temporalidade que tomamos por base para estudo justifica-se em razão ter sido ano de 1937 quando se instalou o Patronato e em 1938 é inaugurada a Escola Sagrado Coração, e o prolongamos até 1969, pois nesse ano a instituição passa a ser mista, atendendo também a educação masculina.

Como objetivo central, definiu-se nesta pesquisa: Identificar, através de fontes documentais e das memórias das ex-alunas da Escola Sagrado Coração, em São Bernardo das Russas-CE, no recorte temporal de 1937 a 1953, como se processou a educação escolar de meninas pobres e negras, levando em consideração suas representações e atravessamentos de classe, racial e de gênero.

Em relação aos marcos teóricos e metodológicos deste estudo o texto conjuga teorias da área da História da Educação e das Instituições educativas, como as mobilizadas por Fialho *et al.* (2022), e Lima (2020); nos debruçamos também sobre um conjunto de referenciais bibliográficos que discute o tema da História das Mulheres, tais como: Giovannetti e Sales (2020); já em relação a perspectiva metodológica e de análise das fontes também dialogamos com pesquisadores que problematizam os conceitos de memória

e história oral na esteira de: Candau (2020), Santos *et al.* (2023); no quesito de representação: Santos e Albertti (2024); em relação as análises iconográficas: Almeida; Pessanha (2023), entre outros.

Para alcançar o objetivo proposto, o percurso metodológico desta pesquisa, se baseia em investigação qualitativa: bibliográfica, documental e com entrevistas, onde realiza análises de conteúdo/fontes documentais: atas, fotografias da referida escola, e relatos orais advindos das entrevistas com ex-alunas e religiosas desta instituição

A estrutura do presente texto está organizada em quatro seções. A primeira seção compreende a introdução, onde são apresentados o tema, a justificativa, a problemática, o objetivo da pesquisa e os marcos teórico-metodológicos. Na sequência, na segunda seção, abordamos os aspectos metodológicos da pesquisa, onde é realizada a revisão teórica, na qual são discutidas as intersecções entre as categorias de análise documentais, iconográficas e entrevistas. Em seguida, descreve-se a metodologia, com a exposição dos procedimentos adotados para a realização do estudo. Na sequência, os resultados são apresentados e discutidos à luz do referencial teórico, com base nas três categorias desenvolvidas. Por fim, as considerações finais realizam a síntese dos achados e apontando as potencias para pesquisas futuras.

RERENCIAL TEÓRICO-CONCEITUAL

Ao apresentamos como possível objeto de estudo da História e Memória da Educação na primeira Escola para meninas pobres da cidade de Russas, no período de 1937 a 1965, temos o intuito também de problematizarmos a subalternização da História e memória das estudantes nesta instituição, Fialho *et al.* (2022). Nos alinhamos ao pensamento de Giovannetti e Sales (2020, p. 304), quando nos advertem que a "[...] ausência das mulheres na História se constitui como uma prática recorrente, que abrange várias perspectivas do relato histórico, em âmbito acadêmico, na esfera social e nos currículos escolares".

Nessa empreitada, realizamos uma revisão de literatura para sintetizar os estudos sobre temática pretendida, com propósito de definição de conceitos, revisão de teorias e evidências que colaborem para fundamnetação e análise acuidosa desta pesquisa.

Sendo assim, o conceito de representação torna-se basilar para nossas reflexões, pois este tem por principal objeto identificar como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Para Santos e Albertti (2024, p. 246), "[...] as representações do mundo social produzem práticas (escolares, sociais, literárias) que tendem a impor sua autoridade e visão de mundo à custa de outrem". Ou seja, as representações são sempre estabelecidas pelos interesses do coletivo que as fabricam, no caso em questão, as práticas educativas observadas no Patronato em estudo.

Almeida e Pessanha (2023, p. 287), nos ajuda a pensar sobre tal conceito, dizendo que este consiste "em trazer para o presente o ausente vivido e, dessa forma poder interpretá-lo".

Ao trazermos para a baila a memória e história das instituições, as análises de Fialho *et al.* (2022), nos são valiosas quando ela nos diz que compreender e explicar a realidade histórica de uma instituição educativa é integrá-la de forma interativa no quadro mais amplo do sistema educativo e nos contextos e circunstâncias históricas, implicando-a na evolução de uma comunidade e de uma região, seu território, seus públicos e zonas de influência. Ao adentrarmos na seara da história das instituições escolares campo epistemológico é importante destacar que as "[...] categorias de análise para o desenvolvimento de pesquisas sobre instituições escolares, na tessitura de um roteiro para aqueles que desejam adentrar nesse campo" (COSTA; NASCIMENTO, 2023, p. 06).

Para responder os questionamentos em relação ao objeto de estudo aqui proposto, recorremos às contribuições teórico-conceitual da História Oral, compreendendo-a como um procedimento metodológico, tendo em vista que procuramos perceber como estas fontes históricas retratam as circunstâncias que envolveram as alunas, as irmãs e a sociedade russana, mediante a memória e a voz desses segmentos. Essa escuta é extremamente rica, porque no exercício da fala a memória parece fluir com maior facilidade, isso porque "[...] a história oral é uma técnica que tem como um dos principais atributos a capacidade de proporcionar o acesso a informações passadas diante do testemunho, individual ou coletivo" (SANTOS *et al.*, 2023, p. 12).

Nesse ínterim, os estudos sobre memória são fundamentais para desenvolvermos as reflexões acerca da instituição e sujeitos desta pesquisa. Como nos lembra, Mendes e Loureiro (2024), a "[...] memória em seu aspecto coletivo e social emerge a partir dos acontecimentos e vivências que podem ser requeridas por intermédio das relações sociais, vivenciadas por diversos grupos ou por tabela" (p. 22).

É o distanciamento do passado, diz Candau (2020), que nos permite reconstruir, para ser possível fazer uma mistura complexa de história e ficção, de verdade factual e verdade estética, sendo essa reconstrução tributária e, por sua vez, da natureza do acontecimento lembrado, das circunstâncias do contexto passado e as inflexões daquele momento da recordação. "A lembrança não contém a consciência, mas a evidencia e manifesta, é a consciência mesma que experimenta no presente a dimensão do seu passado" (CANDAU, 2020, p. 62).

Em nossa empreitada, as fontes hemerográficas nos ajudarão a refletir sobre o período estudado, pois na produção do jornalismo existe uma relação íntima com as transformações no extrato sociocultural. As fontes jornalísticas, como nos mostra Nocelli (2023), funcionam "[...] como uma atividade dedicada a retratar a realidade, mesmo que sob recortes e perspectivas específicas, as mudanças culturais, políticas, econômicas e comportamentais impactam diretamente a produção jornalística" (p. 05). Nesse horizonte,

as fontes iconográficas, mormente os registros fotográficos da Escola Sagrado Coração, também serão elementos que nos darão indícios (SANTOS *et al*., 2024) da história desta instituição, pois a "[...] fotografia permite, então, o reviver de lembranças, emoções e adquirir informações da realidade registrada num dado momento histórico" (ALMEIDA; PESSANHA, 2023, p. 2869).

No que tange aos atravessamentos de classe, raça e gênero, as discussões em torno do conceito de interseccionalidade, nos apoiamos em: Hooks (2020), Mbembe (2023), Visotsky (2021, 2023, 2025), Reyes *et al.* (2021), para estes, interseccionalidade, enquanto elemento de análise teórico-metodológico, vem a ser um modo de identificar diferentes formas de produção do pensamento. São as epistemologias, acerca da realidade concreta repleta de desigualdades, colonialidades e subalternidades, de acordo com Barbosa (2022), Bhandari (2022), Hecker (2024), Arthur (2023). Esses e outros teóricos nos dão subsídios para nossas análises, sendo assim, torna-se necessário averiguar esse *modus operandi* e praticar o abandono de "lógicas de eixo único de análise" (AKOTIRENE, 2022). Em vista disso, Collins (2019) nos apresenta quatro hipóteses para guiar as análises e a práxis crítica que devem permear esta referência analítica:

> 1-Raça, gênero e outros sistemas de poder similares são interdependentes e mutuamente constroem uns aos outros. 2- Relações de poder interseccionais produzem desigualdades sociais complexas e interdependentes de raça, classe, gênero, sexualidade, nacionalidade, etnicidade, capacidade e idade. (3) A localização social dos indivíduos e grupos com relações de poder interseccionais molda suas perspectivas e experiências no mundo social; (4) Resolver problemas sociais dentro de um contexto determinado local, regional, nacional ou global requer análises interseccionais (p. 44).

A essas referências adicionam-se os meios subsidiários essenciais da análise de base interseccional, circunspecto pelo caráter relacional, pela investigação dos sistemas de poder, pela problematização das desigualdades sociais, na investigação dos contexto social de produção do conhecimento, entre outros, como paradigma ético das investigações permeadas pelos diversos atravessamentos o que nos impele à compreensão do conceito de interseccionalidade a partir da relação imbricada da teoria e práxis crítica (COLLINS; BILGE, 2016). Assim sendo, perseguimos a ambição de produzir conhecimento histórico, estabelecendo as interfaces e pontos de inflexão conceitual entre: História Oral, Memória, Educação e Interseccionalidade.

METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho desenvolve-se a partir da abordagem do método qualitativo, por acreditar que é "[...] por meio da pesquisa qualitativa, que busca-se compreender a complexidade de

fenômenos, fatos e processos particulares e específicos" (BORGES; SARAMAGO; HILLESHEIM, 2021, p. 03). Tem como objetivo investigativo o caráter exploratório e análise de conteúdo posto que essa perspectiva de investigação "tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito" (CAMARGO; NERVIS, 2024, p. 06). Adotou-se, assim, o objetivo exploratório, uma vez que o tema necessita de estudos mais aprofundados no que concerne a História e memória da Escola e destas estudantes, isto nos permitirá problematizar e explanar conceitos que envolvem a temática em estudo.

Levando em consideração que existem variadas modalidades de pesquisa, cada uma com sua natureza e objetivo de responder a diferentes questões, utilizamos como procedimento de investigação a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental, devido as especificidades das fontes e das abordagens teórico-conceituais propostas neste trabalho.

Em relação a modalidade bibliográfica, esta pode subsidiar a revisão de literatura sobre as principais teorias que orientam a pesquisa científica. Esta também é "[...] conhecida como revisão bibliográfica, abrange o levantamento bibliográfico em fontes como livros, periódicos, artigos de jornais, acervos online e, por isso, a compreensão acerca de sua utilização é indispensável a qualquer pesquisador" (BRAUCKS *et al*., 2015, p. 03). Esta perspectiva se torna substancial, uma vez que dá suporte ao pesquisador entrar em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto a ser pesquisado.

Já em relação ao processo de desenvolvimento da pesquisa na modalidade documental é importante asseverar que optamos por esta categoria pois ela comporta a análise de fontes em suas especificidades e na relação entre estas, além de possibilitar o trato com fontes/documentos diversificados, por serem "[...] encontrados em arquivos de órgãos públicos e instituições privadas. Além disso, também se incluem cartas pessoais, diários, fotografias, gravações, memorandos, regulamentos, ofícios, boletins, entre outros" (BORGES; SARAMAGO; HILLESHEIM, 2021, p. 03).

Também utilizamos a Pesquisa de campo, empírica, em forma de entrevistas. De acordo com Costa e Costa (2020, p. 52), a "[...] entrevista é um instrumento eficiente quando se busca coletar uma grande quantidade de informações de um número restrito de participantes". Nesse sentido, levando-se em consideração o processo de condução e conteúdo abordado, optamos pela entrevista de caráter semiestruturado pois esta modalidade de coleta de dados nos permite flexibilidade para explorar novos tópicos emergentes durante as entrevistas. Combinando "[...] perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada" (COSTA; COSTA, 2020, p. 53).

De início, realizou-se um levantamento bibliográfico que envolveu a revisão de artigos científicos, livros e trabalhos acadêmicos que versavam sobre: História e Memória das Instituições escolares. Vieira

e Nascimento (2021, p. 05), nos lembram que "[...] dessa forma, a pesquisa bibliográfica é importante para todo trabalho acadêmico, pois são os aportes teóricos que vão embasar e dar credibilidade à pesquisa, tornando-a um trabalho científico".

Em seguida fomos até à Unidade Educacional Coração Imaculado de Maria – UNECIM, antiga cede da Escola Sagrado Coração. Lá conseguimos copias das Atas, a partir de sua fundação 1938 até 1969 quando a Escola Grátis passou a ser mista e o histórico da Escola. Também tivemos acesso à álbuns com registros fotográfico das alunas do cotidiano e da estrutura da Escola Grátis. Por esta ocasião já conseguimos marcar e mapear algumas entrevistas.

No que tange as fontes escritas, elas nos auxiliam a entrever aquilo que não é explícito, que não é visto apenas em algumas leituras, mas com muita disciplina. Entre as fontes coletadas, conseguimos a Ata Inaugural do dia 20 de julho de 1938; Relatórios das irmãs de 1938 a 1972 e fotografias das ex-alunas, lembrando que o "[...] registro fotográfico, sob esta perspectiva, é uma fonte de comprovação, que tem como objetivo relatar um fato ou representar um estilo de vida" (SANTOS *et al*., 2024, p. 06)

Acerca das entrevistas, os sujeitos da pesquisa foram 06 ao todo, 04 ex-alunas e 02 religiosas. Ouvimos e gravamos relatos na cidade de Russas-CE, *lócus* da nossa pesquisa. Nessa perspectiva, desenvolveu-se um estudo com base em documentos gestados pelos relatos orais, onde procuramos perceber como estas fontes históricas, as entrevistadas, retratam as circunstâncias que as envolveram – alunas e as religiosas, a partir da rememoração desses sujeitos (SANTOS *et al.*, 2023, p. 12).

Para tanto, foi elaborado um roteiro de entrevistas de caráter semiestruturado para permitir uma maior flexibilidade para explorar novos tópicos durante as entrevistas. Combinando questões fechadas e abertas, onde as entrevistadas tivessem a possibilidade de falar sobre o tema em questão sem se prender a indagações engessadas. Para resguardar o anonimato dos sujeitos participantes na pesquisa, destinou-se nomes fictícios para identificá-los. Estes pseudônimos além de assegurar a confidencialidade das identidades reais dos membros envolvidos na pesquisa, estão em conformidade com os princípios éticos estabelecidos no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A técnica escolhida para a análise dos dados obtidos pela pesquisa foi o da Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin, muito utilizada em pesquisas sociais, humanas e educacionais por investigadores que se propõem a perscrutar a compreensão dos significados da fala e da memória, ultrapassando os critérios de objetividade das palavras.

Por conseguinte, essa técnica "[...] pode ser denominada como um conjunto de instrumentos metodológicos cujo objetivo é explorar os sentidos e significados atribuídos pelos sujeitos participantes de estudos qualitativos" (VALLE; FERREIRA, 2025, p. 10). Além de ser uma metodologia muito utilizada em pesquisas de abordagem qualitativa, haja vista a análise de conteúdo se concentrar em torno

de uma tríade cronológica, designadas como: "1) a fase de pré-análise, 2) a exploração do material, e 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação" (CAMARGO e NERVIS, 2024, p.6). Atrelada a técnica de Análise de Conteúdo, utilizou-se outrossim a metodologia da História Oral que "[...] consiste em versar historicamente sobre algo, a partir de relatos e depoimentos de pessoas que, de alguma forma, se relacionaram àquilo que o historiador escolheu pesquisar" (TAVARES, 2023, P. 31).

Concluída esta fase do trabalho de campo, realizou-se as transcrições dos relatos orais, que geraram os dados e as informações que passaram por análise e interpretação. Por conseguinte, os resultados das análises constituíram a última seção da pesquisa à luz da revisão bibliográfica apresentada em seção anterior, ou seja, relacionando as descobertas empíricas com as teorias existentes.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Ao tratarmos de um recorte da História e Memória da instrução no Estado do Ceará, é imprescindível que tenhamos ciência de que o sistema educacional cearense desde a década de 1920 era alvo de críticas por não dar conta das demandas educacionais. De acordo com Fialho *et al.* (2022) "[...] em 1922, o pedagogo paulista Lourenço Filho, comissionado pelo presidente Justiniano de Serpa, inicia o grande movimento reformador no Estado do Ceará". No entanto, apesar dos avanços e inovações no setor educacional de então, é notória a precariedade da educação cearense em finais dos anos de 1920 e início da década de 1930, estas denúncias estão nos textos dos artigos que estamparam as páginas do jornal *O Povo*, nos primeiros meses de 1934:

> A ação educadora nacional não deverá, por isso, limitar-se, tão só, aos grandes centros, ou atuar, unicamente, na orilha atlântica. É necessário que ela, como epidemia sagrada contamine os sertões, que invada nossas selvas, não já - em bandeiras, buscando esmeralda e prata - como aquele alucinado Fernão Pais Leme, mas com a escola rural, procurando formar, tentando descobrir o homem novo do Brasil. (O POVO, 1934, p. 1-2).

A precária estrutura educacional na zona rural do Ceará foi mais uma vez publicada em 27 de fevereiro de 1934, pelo jornal *O Povo* que criticava o auxílio aos professores da capital que contavam com aulas "[...] em edifícios apropriados, assistência médica, Congressos nacionais de educação - e todos os benefícios que derivam do Decreto n° 473 de fevereiro de 1932. Para as Vilas do interior, nada dos tais congressos, nem do referido Decreto". (p. 1). É nesse quadro que se instala a primeira escola formal para meninas em São Bernardo das Russas.

Essa conjuntura também estava presente nos documentos acessados por nós. Como é o caso dos textos da Ata de mês de fevereiro de 1938 que fazem menção à Escola Gratuita, a Escola dos Pobres,

podemos identificar que as Irmãs/freiras iniciam o atendimento as crianças pobres de São Bernardo das Russas.

> A 02 de fevereiro, reabriram-se as aulas do Curso Didático e as de matérias extraordinárias, e a 15 iniciou-se uma aula gratuita para as meninas pobres. No dia 15 do mesmo mês, recomeçaram a funcionar as sulas para as meninas pobres. Com uma pequena esmola que recebemos, compramos material escolar para essas crianças, sendo livros já usados, fornecidos pelas nossas alunas do Patronato. Algumas senhoras da Comissão, notando a dificuldade que tínhamos de arranjar esse material, combinaram entre si abrirem um Caixa Escolar, em benefício das nossas crianças pobres, conseguindo arranjar alguns sócios, que com uma pequena esmola mensal ($500 ou $1,000). Contribuem para a compra do material devido. (Sic) (Ata do Patronato Coração Imaculado de Maria, em Russas, fevereiro de 1938).

Pelo excerto acima constatamos que atendimento educacional se dava a partir das "esmolas" que eram recebidas para comprar o material escolar das crianças e os fardamentos, além de livros já usados que eram fornecidos pelas alunas do patronato. Isso ocorria, pois não haviam políticas públicas que garantissem a instrução formal. Vieira *et al.* (2024, p. 212), refletindo sobre o contexto educacional brasileiro o século XX, nos diz que até a "[...] ainda não existia atendimento educacional para os filhos dos pobres. Assim, enquanto os filhos da elite eram instruídos por professores particulares, os filhos de pobres se tornavam cidadãos úteis e produtivos nas lavouras".

Ainda refletindo sobre a referida Ata, percebemos dois universos, um referente ao ambiente escolar mais elitizado e outro relacionado ao lugar que as meninas carentes ocupavam naquele espaço. Isso fica textualmente explicitado quando diz que as aulas começaram com as alunas do curso primário e de matérias extraordinárias e iniciaram também as aulas das meninas pobres e negras. Nesse sentido, concordamos com Chiozzini e Leal (2022, p. 22), quando denunciam a exclusão no contexto educacional para mulheres pobres, negras e periféricas na primeira metade do século XX e nos encorajam: "Pesquisas que busquem retratar os processos de escolarização de negros e negras se fazem prementes".

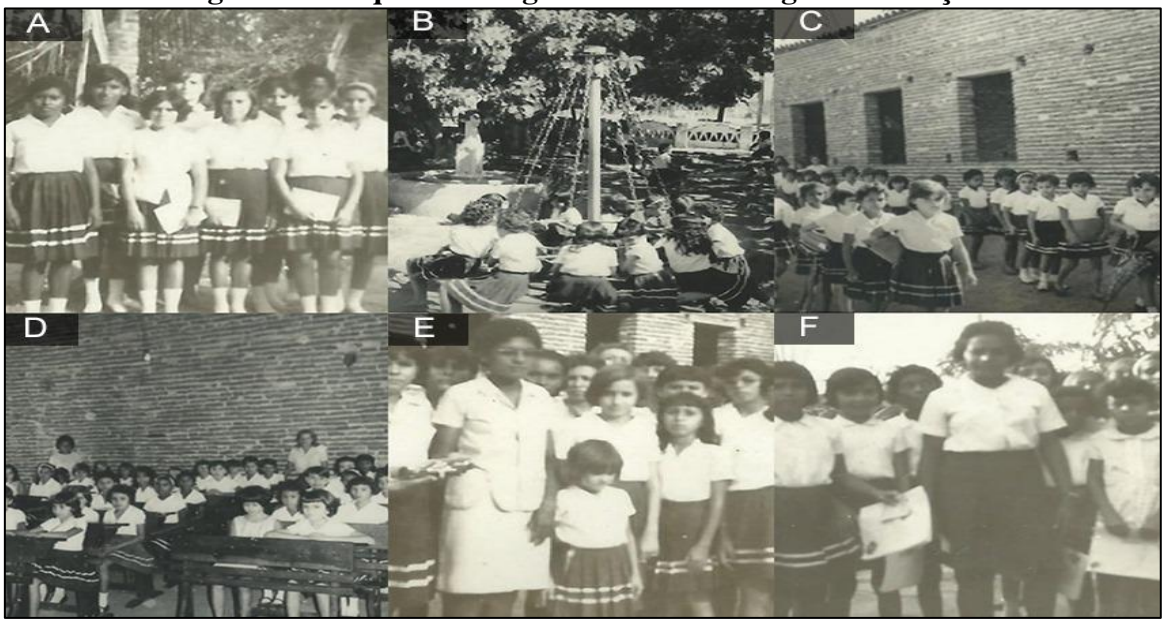
Nesse ínterim, as memórias também auxiliam a compreender a forma como estas alunas se sentiam a época. Na sala de visita de sua casa, a narradora, Maria do Socorro Rodrigues Pereira, ex-aluna e posteriormente e professora da Escola Sagrado Coração (Escola Gratuita/Escola dos Pobres) ao ser questionada sobre a questão dos fardamentos a mesma diz que:

> As meninas do Sagrado Coração a farda era azul, bem bonito, com duas barrinhas brancas na saia e blusa branca. Das meninas que pagavam era saia normal, sem barrinha. Teve uma época que foi verde, depois azul também. Na minha opinião era um ensino só, não havia diferença, era só na farda mesmo, e na escola também, era separado um pouco, mas era tudo lá dentro. Na hora do recreio estava todo mundo junto, só que a comunicação era pobre com pobre e rico com rico, mas ninguém discriminava ninguém. (Professora Maria do Socorro Rodrigues Pereira, ex-aluna da Escola Sagrado Coração de Jesus e professora desta mesma escola posteriormente. Entrevista realizada em 03 de março de 2018)

Pela narração da memória acima fica evidente que na Escola Paga, ou seja, no Patronato, as meninas tinham que ter a farda que era de um tecido "nobre", com mangas compridas, e saias com design aliado aos ideais das escolas dos centros urbanos, já as meninas da escola gratuita era uma roupa mais simples, com a barra que as diferenciava das alunas da escola paga - como mostram as fotos abaixo. Para Santos e Albertti (2024), esses processos não se constituem de forma fortuita, mas são através das representações que "[...] se constroem estratégias de dominação e poder baseadas na perspectiva de como um grupo deseja ser visto por outros, ou como este grupo ou indivíduo constroem representações sobre outrem com vistas a enaltecê-los ou desqualificá-los". (p.247).

Na fala da entrevistada, também aparecem outros modos de se rememorar a utilização do espaço da Escola Paga, o parquinho, talvez porque a experiência do recreio separado/distinto não fosse uma lembrança agradável uma vez que a "[...] memória é um fenômeno, não apenas individual, como também coletivo, construído de forma conjunta e sujeito a flutuações e mudanças constantes" (MENDES; LOUREIRO, 2024, p. 6). A perspectiva mnemônica da ex-aluna Socorro apresenta elementos que exemplificam as distinções sociais que existiam entre as alunas, quando a mesma descreve como acontecia a dinâmica dos recreios, em que as moças pobres não "se misturavam" com as moças da elite e a própria distinção do espaço físico em que elas estudavam. "Enquanto as filhas dos ricos eram educadas para formar os seus filhos como futuros "condutores" da sociedade, as meninas pobres eram formadas para atuar no mercado de trabalho" (SANTOS *et al*., 2024, p. 10).

Figura 1 – Arquivo iconográfico – Escola Sagrado Coração



Fonte: UNECIM (1950).
Nota: A) Alunas da Escola Sagrado Coração; B) Estudantes da Escola Gratuita brincando no parquinho do Patronato; C) Alunas enfileiradas na acolhida; D) Sala de aula – Escola do Pobres; E) e F) Professoras e alunas pousam para foto fora da sala de aula.

Ao observarmos o registro fotográfico "A" temos a possibilidade imaginarmos a história as memórias, as representações desta instituição. Isso porque "[...] por meio do "retrato", outrora assim denominado, as pessoas tornam-se testemunhas de suas próprias experiências, e de outras, construídas no passado e no presente" (ALMEIDA; PESSANHA, 2023, p. 2869).

Como se pode observar na fotografia "B" e na memória da professora Maria do Socorro Rodrigues, ex-aluna da escola Sagrado Coração, identificamos a utilização das alunas da Escola Gratuita na hora do recreio do parquinho do Patronato, nessa espreita "[...] o registro fotográfico, sob esta perspectiva, é uma fonte de comprovação, que tem como objetivo relatar um fato" (SANTOS *et al*., 2024, p. 06). Observa-se na foto, a partir da farda das crianças ali fotografadas, que só as meninas da escola gratuita estavam brincando, o que nos leva a deduzir que nos intervalos o que reforça nossa hipótese da distinção social dos espaços ocupados pelas meninas pobres que coabitavam espaços que as diferenciavam das demais meninas, as da elite. "A importância da interseccionalidade reside em seu compromisso teórico e prático que coloca a superação das desigualdades sociais como eixo norteador de nossas práxis" (KYRILLOS, 2024, p. 10).

Nessa seara, Hooks (2020), Mbembe (2023), Visotsky (2025) nos dizem que é grande relevância identificar os atravessamentos e processos de subalternização de meninas pauperizadas, racializadas e pelo próprio fato de serem mulheres - o que já dava muita desvantagem na dinâmica sociocultural, que atingiam as estudantes da Escola Gratuita, pobres e pretas, nos dá novas lentes analíticas para lutarmos por justiça social, de forma concreta. "Nesse sentido, é preciso destacar a importância de que nós, pessoas brancas, possamos não apenas identificar nossos privilégios, mas, a partir daí, construir estratégias que nos possibilitem de fato atuar como aliadas nas lutas antirracistas" (KYRILLOS, 2024, p. 13). Nesse sentido, nos somamos às ideias da pesquisadora Gabriela Kyrillos (2024), quando identificamos nossas prerrogativas de sujeitos brancos e a urgência em desenvolver mecanismos de luta "[...] bem como na superação do sexismo Reyes *et al.* (2021), do classismo; entendendo todos esses elementos a partir da história brasileira e latino-americana de colonização e colonialidade" (KYRILLOS, 2024, p. 09).

Outro ponto a ser observado é que as meninas que frequentavam a escola gratuita eram oriundas de bairros periféricos da cidade de Russas, onde predominava a presença de afro-cearenses, como as comunidades de Tabuleiro do Cata-Vento, Planalto da Bela Vista, Cabelo de Negro e o bairro da Catumbela, a grande demanda era negra e pobre, nessa perspectiva a educação "do pobre se tornou uma tarefa de higiene da população por meio da filantropia, já que, por muito tempo, as instituições públicas não eram uma prioridade" (VIEIRA *et al*., 2024, p. 217).

Por esse motivo, estas sofriam múltiplos preconceitos. Nessa lógica, torna-se urgente, segundo Visotsky (2025), identificar essas "[...] mulheres que habitam ou vivem à margem têm uma perspectiva

profundamente transversal sobre as esferas da vida do sistema patriarcal e supremacista branco" (VISOTSKY, 2025, p. 05)", e passaram experiências únicas, idiossincrasias de está sob o capitalismo colonial, por isso necessitamos "[...] enfrentarmos formas múltiplas e interseccionais de opressão (gênero, racialização, classe, entre outras (p. 07).

Usando a metodologia dos indícios históricos, outra questão importante de ser observada, é a infraestrutura desta parte do Patronato, observa-se que a Escola Paga tinha uma quadra, um espaço para as práticas esportivas e um pátio para fazer a acolhida das meninas, na "parte pobre" estas eram perfiladas em terra batida e ao sol. Ao analisarmos a imagem "C" acima, com óculo investigativo carecemos de encarar a "[...] fotografia com a potencialidade de conduzir as pessoas a um "olhar para trás", ao revelar o passado e denudar o lugar de fala de quem se arrisca a observar o que foi registrado, como forma ideal para registrar o cotidiano da pesquisa" (ALMEIDA; PESSANHA, 2023, p. 2868).

As próprias paredes não eram rebocadas, no início sequer havia janelas, o que determinava o lugar social de quem estudava na Escola Grátis. Vale lembrar que a "[...] gênese de uma instituição educativa, nessa tessitura entende-se, a cultura escolar como sendo uma espécie de interiorização de costumes, ideias, hábitos e comportamentos assimilados por um indivíduo ou pelo grupo imerso na instituição escolar" (COSTA; NASCIMENTO, 2023, p. 12).

A origem operária e de setores populares um traço da condição social das alunas, perceptível nas imagens das crianças descalças ou de sandálias que aparecem na primeira fileira - fotografia "D". "Assim, a fotografia permite ao pesquisador um exercício de reflexões que a prática proporciona, ajudar o pesquisador a ver e a compreender com maior clareza a realidade observada" (ALMEIDA; PESSANHA, 2023, p. 2871). A fotografia acima é bem emblemática disso, se observarmos atenciosamente iremos perceber as discrepâncias em relação ao vestuário e ao fato de algumas das meninas não possuírem sapatos.

De uma forma geral, no contexto da década de 1930 e 1940, para a grande maioria das meninas com parcos recursos que habitavam os espaços urbanos, o trabalho doméstico era o que as reservava. Grande parte delas começava entre 9 e 10 anos a trabalhar como babás e com o avançar dos anos, transformavam-se em empregadas domésticas. Uma pequena parcela de meninas, destas que já trabalhavam, conseguia estudar. Apesar dos esforços, a maioria não conseguia concluir o antigo Curso Primário, ou seja, por não serem alfabetizadas estas não tinham maiores chances de conseguirem um lugar no mercado de trabalho ou até mesmo de serem professoras primárias quando adultas.

Observa-se assim que entre as populações femininas pobres, tanto das zonas rurais como urbanas, existiam vários impedimentos para estas adentrarem ao mundo escolarizado. Isso é percebido nas fotografias em destaque superior, "E e F", onde há uma professora com a classe com a presença de

meninas de idades múltiplas, isto porque a instrução feminina da população pobre "[...] teve acesso a um tipo de escolarização em um momento em que a instrução de mulheres ainda era objeto de discussão e sofria muitas críticas" (CHIOZZINI; LEAL, 2022, p. 22).

A partir das memórias das alunas da Escola Sagrado Coração, é possível perceber que alguma destas meninas amaram e outras odiaram estar no Patronato Coração Imaculado de Maria. Por outro lado, a maioria destas eram de famílias muito pobres e com credos diversos, mas a Escola Gratuita mostrava-se como a única oportunidade de educação formal confessional em São Bernardo das Russas-CE. Por conseguinte, essa escola de cunho religioso se apresentava "[...]como espaço social em que o elemento de interesse em comum entre agentes e a instituição comporta diferentes denominações religiosas, suas crenças, práticas, simbolismos, regras e maneiras de manifestarem-se" (OLIVEIRA; ASSIS, 2023, p. 04).

Ao serem indagadas sobre o cotidiano das alunas da Escola Gratuita, de suas interações com as da 'Escola Paga', as ex-alunas buscam em suas memórias da época que estudavam no Patronato e relatam que:

> Eu não sei se elas se sentiam inferiorizadas, sei que elas pediam coisas à gente, se a gente tinha sabonete, etc. Aí quando eu ia para casa no final de semana visitar meus pais que eram idosos eu sempre trazia uns presentinhos para as meninas que pediam. Sabonete, óleo lavanda que passava no cabelo, principalmente para quem tinha o cabelo crespo. (Dionísia Andrade Costa, ex-aluna do Patronato Coração Imaculado de Maria – aluna da Escola Normal e atualmente religiosa da Congregação Cordimariana. Esta foi aluna na década de 1950. Entrevista realizada em 04 de fevereiro de 2017, em Russas, Ceará).
>
> Eu acho que não, não sei se é porque naquela época a gente achava tudo normal, na hora do recreio ficava todo mundo junto, se entrosando. Quando a gente fica mais adulta tinha alguém que achava que tinha, mas eu não achava não, por exemplo, se era da escola paga tinha certa preferência, se era da escola grátis não tinha, mas acho que não porque as festas, as coisas, tudo era tudo junto. No mês de maio ia todo mundo mesmo. Em relação ao fardamento das meninas pagas e das meninas grátis era o mesmo? Era diferente, porque de qualquer maneira elas não tinham condição, não tinha quem desce o fardamento. (Margarida Gonçalves de Lima (Babá), ex-aluna do Patronato e professora aposentada do Estado. Entrevista realizada em 03 de outubro de 2016, em Russas-Ceará).
>
> Eu não tive convivência com essa parte, as meninas pobres, mas eu acredito que existia sim em termo de pobreza, porque a elite é uma coisa e a pobreza era outra, eu acredito que pode ter havido uma diferença como hoje em dia ainda existe. Ainda continua essa arrogância espalhada pelo mundo todo. (Maria Zuila Ramalho Dantas, ex-aluna das primeiras turmas do Curso Normal do Patronato Coração Imaculado de Maria. Entrevista realizada em 04 de novembro de 2016, em Russas, Ceará).

Os três relatos acima, onde as depoentes se debruçam sobre suas memórias da época em que eram alunas do Patronato, no lado das discentes pagantes, nos dizem muito acerca das relações estabelecidas entre estas e as alunas da Escola Grátis. Identificamos contatos que tinham o intuito caritativo, "dar uns presentinhos", segundo a religiosa Dionísia Andrade. A fala da entrevistada carrega marcas das representações sociais partilhadas pelas freiras Cordimarianas e revelam "[...] os sentidos e as

sensibilidades dados aos estudos relacionados às instituições de ensino revelam que a materialidade é constituída pelo universo de objetos que fazem parte do contexto histórico e social da escola" (ALMEIDA; PESSANHA, 2023, p. 286).

Reyes *et al.* (2021), Akotirene (2022) e Collins (2019), nos advertem sobre as tentativas de mascarar as diferenças o que é muito comum numa sociedade patriarcal, de classes e racializada, e isso é perceptível quando a Professora Margarida Gonçalves nos diz que "na hora do recreio ficava todo mundo junto, se entrosando", porém em seguida esta ressalta a predileção ao dizer que "por exemplo, se era da escola paga tinha 'certa preferência', se era da escola grátis não tinha", além do diferencial das fardas, que esta justifica dizendo que 'de qualquer maneira elas não tinham condição, não tinha quem desce o fardamento'. Essa memória revela "[...]os aspectos imateriais, voltados para as memórias, identidades, subjetividades e os sujeitos que vivenciam e/ou vivenciaram os espaços escolares, o que possibilita nuances e interfaces diversas" (ALMEIDA; PESSANHA, 2023, p. 2868).

Em seguida, como vimos acima, Dona Zuila, ex-aluna, sem muita cerimônia nos relata sobre o tratamento diferenciado, esta fala "que existia sim em termo de pobreza, porque a elite é uma coisa e a pobreza era outra". Estes relatos servem para elucidar os vários tipos de contato e ou ausência deles em relação as alunas do Patronato. Todas sob "um mesmo teto", porém divididas por questões econômicas geográficas e culturais, uma vez que as crianças que estudavam no Sagrado Coração vinham das periferias de Russas. Isso implica pensar a interseccionalidade como um eixo teórico que reflete sobre as desigualdades de poder. Desta feita concordamos com as ideias de (KYRILLO, 2024, p. 12): "Como consequência, compreender que importam as posicionalidades que nossos corpos ocupam em sociedades estruturadas pelo racismo, sexismo, colonialismo, dentre outros".

A classe recria a própria escola e o sentido de ser aluna, a recordação da classe é um microcosmo dos afetos e desafetos com o grupo de convivência as relações com as freiras e com a religião católica pois "[...] ao valorizar princípios religiosos como elementos definidores de regras e comportamentos, a religião passa a ser considerada como um dos elementos-chave para o estabelecimento/reconhecimento da ordem social" (OLIVEIRA; ASSIS, 2023, p. 03). É a lembrança dessa identidade coletiva, em que cada uma se reconhece como parte, aluna, e o todo, a classe, reconstitui a dimensão das representações simbólicas na dinâmica da instituição escolar.

Isso fica perceptível quando as entrevistadas, ao narrarem suas memórias, falam da importância que era estar naquele espaço. Pode-se perceber, também, que o Patronato Coração Imaculado de Maria, a partir da sua implementação representa um *locus* da difusão da educação para meninas pobres, o que antes era quase impossível para estas, pois a educação até o início da década de 1930, em São Bernardo das Russas, se dará para uma "pequena elite". Destarte, a escrita da história das instituições escolares

prescinde de se levar em consideração "[...] os espaços, os tempos, os currículos, os modelos pedagógicos, os agentes (professores e diretores), os sujeitos (alunos e funcionários), os manuais e a cultura da escola" (COSTA; NASCIMENTO, 2023, p. 7).

De outro modo e corroborando com essa perspectiva, identificamos, como é visível nas entrevistas, que a maioria das ex-alunas da Escola Gratuita tornaram-se professoras, o que denota a possibilidade de ascensão social oportunizada pela instituição.

> O magistério era caracterizado com um curso profissionalizante que, em conjunto com ensino médio, formava professores para atuar na educação básica. Durante este período, muitas mulheres viram no magistério uma oportunidade para não se casar, bem como uma possibilidade de ingresso no mercado de trabalho. Era uma oportunidade de seguir caminhos diferentes do conceito social atribuído a elas, que as concebiam apenas como esposas e mães, e a maternidade como o ápice da vida de uma mulher. (SANTOS *et al*., 2024, p. 12).

Nos primórdios do século XX a instrução feminina estava fortemente vinculada à "[...] formação de professoras, uma das poucas ocupações consideradas socialmente aceitáveis para as mulheres. Isso refletia a ênfase tradicional na educação como uma extensão natural do papel da mulher como educadora na família" (SANTOS *et al*., 2024, p. 04). Como pode ser percebido na fala da ex-aluna Maria do Socorro:

> As irmãs eram muito boas, sabe? Elas nos davam livros, usados, nera? Mas era com maior gosto. Com o passar do tempo elas iam prestando atenção na gente, naquelas que tinham mais jeito com as crianças e chamavam a gente pra auxiliar nas aulas que elas ministravam e isso era muito bom, porque depois a gente conseguia fazer o normal de graça também e aquelas que queriam davam aula na Escola Gratuita como forma de pagamento de estudar o Normal no Patronato. Eu me tornei professora assim. Se não fosse isso eu ia ser o que? Empregada doméstica. (Ex-aluna e ex-professora da Escola Gratuita Maria do Socorro Rodrigues Pereira. Realizada no dia 05 de março de 2018).

Para ter acesso e permanência na escolarização formal "[...] a população menos abastada enfrenta uma série de empecilhos que não afetam a classe mais favorecida economicamente, que pode dedicar-se exclusivamente aos estudos, o que contribui para asseverar a desigualdade social" (FIALHO *et al*., 2022, p. 236). Porém, é necessário lembrar que ocorreram muitos movimentos "[...] em prol da educação feminina que ocorreram no país no século XX, contribuíram de forma significativa para o empoderamento de muitas mulheres, como o movimento feminista que lutou pelo acesso das mulheres à educação superior e ao mercado de trabalho" (SANTOS *et al*., 2024, p. 14).

"No Brasil, uma análise histórica sobre as relações entre Estado e campo religioso nos revela que tal relação provocou o enraizamento de práticas e costumes relacionados à fé cristã, que foram "naturalmente" incorporados em nossa cultura" (OLIVEIRA; ASSIS, 2023, p. 06). Quando o Estado não conseguia disponibilizar a educação às classes menos favorecidas, a Igreja católica o fazia, no caso de

Russas, a partir dos anos de 1930, a educação das meninas pobres ficou a cargo das religiosas Filhas do sagrado Coração de Maria. A Irmã Mazé frisa isso muito bem na entrevista abaixo:

> Sempre tiveram alunas pagas e sempre tiveram alunas gratuitas, tinham as meninas que não podiam pagar, tinha até internas que não podiam pagar e ficavam internas mesmo assim e tinha a parte pagante, sempre teve. Depois, até que com a continuação tinha uma parte da escola que a gente chamava até de escola gratuita. Por quê? Porque a gente conseguiu professora do estado e do município e as meninas ficavam gratuitamente estudando e tinha a outra parte que ficava que era pagante, mas sempre teve, desde o início sempre teve aluna gratuita e aluna pagante, e continua até hoje. (Irmã Mazé, Cordimariana e tesoureira da UNECIM. Realizada em 20 de junho de 2016, em Russas-Ceará).

Nas memórias institucionais da religiosa, o viés caritativo é uma permanência histórica. Suas lembranças 'não permitem' lembrar que no passado haviam duas instituições no espaço de uma, o Patronato Coração Imaculado de Maria – para a pequena elite, e a Escola Gratuita/ Sagrado Coração – para as meninas pobres, em sua maioria negras. Essa prática de oferecer 'educação' aos necessitados foi uma prática recorrente durante o século XIX e até meados do XX onde "[...] a igreja desempenhou um papel central na educação feminina, especialmente nas instituições de ensino dirigidas por ordens religiosas, as escolas e internatos administrados por freiras e outras congregações religiosas" (SANTOS *et al*., 2024, p. 08).

Perscrutamos a vida de meninas e pobres, os lugares sociais impostos a elas, bem como as "facilidades" e as dificuldades de cada uma, no que concerne ao convívio social e também à instrução. As de maior poder aquisitivo tinham maiores oportunidades em relação aos estudos formais, haja vista partilharem de mais posses e, apesar de serem mulheres, o que as tornavam inferiores naquele momento, principlamente, beneficiavam-se de carregar o nome da família, assim como poder "passear" por diversos espaços proibidos, as de menor poder aquisitivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao manusear, ler, ouvir e interpretar os documentos relacionados à História e Memória da Escola Sagrado Coração a partir da análise das entrevistas, das Atas e das fontes iconográficas, mediadas pelas lentes da teoria utilizada, vieram à tona as experiências vivenciadas pelas meninas que posteriormente tornaram-se professoras nesta instituição. Como principais resultados identificamos, em primeiro lugar, que Escola Sagrado Coração era uma espécie de escola de caridade, criada em contexto de inexistência de políticas públicas educacionais para as filhas e filhos da classe trabalhadora pauperizada. Esta instituição atendia as meninas pobres e negras do Tabuleiro do Catavento, do antigo Tabuleiro dos Negros

e uma parte da Catumbela, que ali vinham estudar. Outrossim, após o exame das memórias das nossas depoentes ficou visível que estas foram atravessadas pelas demandas de classe, gênero e raça.

Nossos resultados também trazem à superfície, a partir dos indícios documentais analisados, as manifestações das diferenciações sociais e educacionais dispensadas pelas religiosas e pelas alunas da 'Escala Paga' às meninas pobres, ou seja, o espaço era um só, do Patronato e da Escola Grátis, mas havia uma segregação territorial - as meninas da Escola Paga não "se misturavam" com as meninas da parte gratuita, como ficou claro nas falas das entrevistadas. Essa diferença também ficou registrada nas fotografias que apresentaram o "lado dos pobres", parte gratuita, como tendo as condições mínimas para o desenvolvimento das aulas, ou seja, observamos as paredes sem reboco, espaços onde deveria haver janelas sem estas, e no lugar onde deveria haver um pátio para o acolhimento das crianças, estas ficavam perfiladas em um quadrado "de chão batido".

Contrariando as perspectivas negativas, nossos achados nos colocaram, também, diante do discurso diferente das representações 'demonizadoras' daquele espaço. Como constatado nas entrevistas a Escola Sagrado Coração representou um espaço de possibilidades, a partir da perspectiva educacional, para muitas dessas ex-alunas, uma vez que o público alvo da "caridade" das irmãs eram as meninas pobres, e algumas conseguiam, assim, burlar o sistema e todas as contrariedades que se apresentavam, seja em relação à carência econômica, às questões relacionadas ao gênero e raça, ou no que diz respeito à ausência de ações sócio-políticas e educacionais do Estado.

Entre as limitações do estudo, destaca-se a impossibilidade temporal em relação à coleta das entrevistas, e ademais a dificuldade no que diz respeito a adesão das depoentes, as ex-alunas, hoje são mulheres idosas. Outro fator limitante é o acesso às fontes materiais - um exemplo disso são as fotografias, em sua maioria foram 'afanadas' dos álbuns da escola. Atualmente, todos os registros não ficam mais em exposição, as religiosas os guardam em uma sala trancada e sem permissão para acesso. Contudo, apesar das restrições, este estudo reforça o papel da relevância das pesquisas em História e Memória da Educação. Espera-se que os achados deste estudo possam inspirar pesquisas vindouras, contribuindo para o reconhecimento da história das instituições escolares, bem como da realidade das estudantes pobres e negras.

Como sugestão para trabalhos futuros, sugere-se ampliar o número de entrevistas, mantendo a perspectiva metodológica da pesquisa, procurando obter, também um número maior de respostas que possam permitir uma melhor compreensão histórica das vivenciadas das ex-alunas nesta instituição. Outrossim, indicamos como agenda para pesquisas futuras uma ampliação na coleta de fontes materiais, bibliográficas documentais: no museu da escola, nos arquivos institucionais das religiosas e nos bancos de teses e dissertações das universidades.

Nesse sentido as meninas pobres, tanto as que estudaram na Escola Grátis, quanto às que conseguiram frequentar o curso normal, usaram o 'microcosmo' da Escola Sagrado Coração como "trampolim" para conseguirem transpor uma realidade precária, do ponto de vista das condições de sobrevivência, para outra realidade onde apresentam-se possibilidades de ascensão social, econômica, profissional e pessoal.

Por fim, pudemos concluir neste estudo, tendo em vista os resultados apresentados, que em face das lacunas e privações no que se refere às políticas públicas educacionais do período, e para 'sanar' estas ausências, criou-se, através de ações religiosas caritativas, a Escola Gratuita, que atendia meninas carentes e desvalidas. Como arremate, identificamos que mesmo estas passando por segregação no espaço institucional, limitações estruturais e de materiais escolares, houveram possibilidades de escapar da situação de desamparo do Estado e dos elementos interseccionais que as afligiam, abrindo caminho para quebrar com a 'determinismo social', o racismo, e as inflexões patriarcais, configurando-se em uma certa "emancipação" feminina, pois para a grande maioria da população cearense das décadas de 30, 40 e 50 do século passado, estudar era quase impossível diante da ausência de políticas públicas que incluíssem de forma responsável as populações pobres de São Bernardo das Russas-CE.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Editora Letramento, 2022.

ALMEIDA, E. S.; PESSANHA, E. C. "Entrelaçando histórias, tecendo memórias a partir de objetos da cultura material escolar". **Revista de Estudos interdisciplinares**, vol. 5, n. 4, 2023.

ARTHUR, R. "Conscious' learning development: towards a pedagogy of race-consciousness". **Journal of Learning Development in Higher Education**, vol. 2 n. 6, 2023.

BHANDARI, N. "Homi K. Bhabha's third space theory and cultural identity today: a critical review". **Prithvi Academic Journal**, vol. 5, n. 1, 2022.

BORGES, P. A.; SARAMAGO, O.; G.; HILLESHEIM, M. C. P. "Análise de conteúdo: uma técnica de pesquisa qualitativa". **Revista Prisma**, vol. 2, n. 1, 25, 2021.

BRAUCKS, J. B. *et al.* "Pesquisa Bibliográfica como Metodologia de Pesquisa Científica". **RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, vol. 11, n. 12, 2025.

CAMARGO, I. V.; NERVIS, J. J. "Análise de conteúdo em problemas matemáticos utilizando o domínio icônico". **Revista Baiana de Educação Matemática**, vol. 5, n. 1, 2024.

CANDAU, J. "Memória ou metamemória das origens". **Caderno de Letras**, n.37, 2020.

CHIOZZINI, D. F.; LEAL, L. S. “As alunas negras da Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo (1889-1910)”. **Revista Brasileira de História da Educação**, vol. 22, n. 1, 2022.

COLLINS, P. H.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

COLLINS, P. H. **Interseccionality as Critical Social Theory**. Durhan: Duke University Press, 2019.

COSTA, M. A.; COSTA, M. F. B. **Projeto de pesquisa**: entenda e faça. Petrópolis: Editora Vozes, 2020.

FIALHO, L. M. F. *et al*. “Deslocamento social mediante a educação: tessituras da mulher pobre e periférica (1970-1994)”. **Revista Teias**, vol. 23, n. 70, 2022

GIOVANNETTI, C.; SALES, S. R. “Histórias das mulheres na BNCC do Ensino Médio: o silêncio que persiste”. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, vol. 14, n. 27, 2020.

HECKER, A. R. P. **Educación entre telarañas**: Las experiencias educativas de mujeres en la Unidad Penitenciaria N° 4 de Bahía Blanca (Tesis del Grado de Licenciatura en Ciencias de la Educación). Bahía Blanca: UNS, 2024.

HOOKS, B. **Teoría feminista**: de los márgenes al centro. Madrid: Traficante de Sueños, 2020

KYRILLOS, G. M. “Interseccionalidade: proposta de um mapa teórico provisório”. **Revista Estudos Feministas**, **Florianópolis**, vol. 32, n. 2, 2024.

LIMA, C. R. F. “**É preciso educar as meninas**”: história e memória institucional do Patronato Coração Imaculado de Maria em São Bernardo das Russas - CE (1937-1953) (Tese de Doutorado em Educação). Fortaleza: UFC, 2020.

MBEMBE, A. **Descolonizar la universidad, Politécnico Colombiano Jaime Isaza Cadavid**. Medellín: Ennegativo Ediciones, 2023.

MENDES, I. A. M.; LOUREIRO, A. P. F. “A relevância da memória e identidade na formação do pertencimento estudantil na modernidade líquida”. **Revista de Estudos Interdisciplinares**, vol. 6, n. 1, 2024.

NOCELLI, G. L. “Jornalismo local na era da desinformação: os impactos das fake news na produção do jornal Tribuna de Minas”. **Anais do XIV Encontro Nacional de História da Mídia**. Rio de Janeiro: UFF, 2023.

OLIVEIRA, L. C.; ASSIS, J. H. V. P. “A formação do habitus religioso e os estabelecimentos de ensino confessionais conveniados com o Estado: questões e conflitos”. **Pro-Posições**, vol. 34, 2023.

REYES, R. *et al*. “Let Justice Be Done! Multiple Oppressions before the Legal System from a Case in Argentina - ¡Que Se Haga Justicia! Opresiones Múltiples Ante El Sistema Jurídico a Partir de Un Caso En Argentina”. **Revista nuestrAmérica**, vol. 9, n. 17, 2021.

SANTOS, M. C.; ALBERTTI, L. A. “A nova história e as histórias culturais: o conceito de apropriação em Roger Chartier, Carlo Ginzburg e E.P. Thompson”. **OPSIS**, vol. 22, n. 2, 2024.

SANTOS, N. *et al*. “Educação de Mulheres: Contexto Histórico-Educacional de Instituição Confessional em Santarém-PA”. **Cadernos GPOSSHE On-line**, vol. 8, n. 2, 2024

SANTOS, T. C. *et al*. “Serviços inaugurais de psicologia escolar no Piauí: um estudo historiográfico”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 15, n. 43, 2023.

TAVARES, L. C. “A História Oral como método de pesquisa historiográfica aplicada sobre as Folias de Santo nas comunidades quilombolas em Óbidos-PA”. **Boletim do Tempo Presente**, vol. 12, n. 10, 2023.

UNECIM - Unidade Educacional Coração Imaculado de Maria. **Acervo do Patronato Coração Imaculado de Maria**. Russas: UNECIM, 1950.

VALLE, P. R. D.; FERREIRA. J. L. “Análise de conteúdo na perspectiva de Bardin: contribuições e limitações para a pesquisa qualitativa em educação”. **Educação em Revista**, vol. 41, n. 41, 2025.

VIEIRA, I. C. C. *et al.* “O surgimento do jardim de infância no Maranhão: do privado ao público, dos ricos aos pobres”. **Revista Teias**, vol. 25, n. 78, 2024.

VIEIRA, R. P. B.; NASCIMENTO, F. L. “Pandemia da covid-19 e saúde mental: o trabalhador e a responsabilidade do empregador na modalidade home office”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 7, n. 20, 2021.

VISOTSKY, J. “Interseccionalidad crítica versus descriptiva: hacia una herramienta política de liberación de los pueblos”. **Utopía Y Praxis Latinoamericana**, vol. 28, n. 3, 2023.

VISOTSKY, J. “Interseccionalidad crítica y procesos descoloniales en território”. Buenos Aires: Praxis, 2025.

VISOTSKY, J. **Pedagogías críticas y universidad**: una mirada situada desde el territorio en perspectiva interseccional. Santiago: Praxis, 2021.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano VII | Volume 22 | Nº 66 | Boa Vista|2025

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima